

441

COOPERATIVISMO E CRISE DO EMPREGO: UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A CRISE DO EMPREGO E O COOPERATIVISMO DE TRABALHO NO BRASIL. *Lucas Rodrigues Azambuja, Cinara Lerrer Rosenfield (orient.) (UFRGS).*

Desde seu surgimento no final do século XIX com a Revolução Industrial inglesa, o cooperativismo tem sido visto como uma forma de reação encontrada pelos trabalhadores às condições precárias de emprego e subsistência engendradas pelo capitalismo. Hoje, com a passagem do modelo de acumulação capitalista baseado no regime fordista-taylorista para um novo modelo mais flexível, que tem resultado na expansão do desemprego e na precarização das relações de trabalho, as cooperativas, especialmente as cooperativas de trabalho, vêm se constituindo como uma alternativa para os trabalhadores excluídos e em vias de exclusão do mercado formal de trabalho. Nessa direção, o aumento do número de cooperativas de trabalho, a partir da década de 1990 no Brasil, tem sido associado por muitos autores à expansão do desemprego e à flexibilização das ocupações formais. Tendo em vista estas afirmações, a pesquisa procurará testar as seguintes hipóteses para contribuir no esclarecimento dessa relação: primeiro, o crescimento do cooperativismo de trabalho (seja no número de cooperativas, seja no número de trabalhadores cooperados e empregados por cooperativas), no Brasil, no período 1990-2000, está associado ao aprofundamento da crise do emprego nesse mesmo espaço de tempo; e, segundo, sendo que esses fenômenos não se manifestam de maneira homogênea no espaço, a maior ou menor intensidade com que a crise do emprego atingiu os estados que compõem as regiões sul e sudeste do Brasil, entre 1990 e 2003, é capaz de explicar as diferenças de números de cooperativas de trabalho entre esses estados. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, na qual serão usados dados secundários tanto sobre emprego e desemprego (IBGE) como também sobre cooperativismo de trabalho (OCB – Organização das Cooperativas Brasileiras). (PIBIC).